

OS ENCAPSULADORES E SEU PAPEL NA TESSITURA TEXTUAL/DISCURSIVA

THE ANAPHORA ENCAPSULATION AND THEIR ROLE IN MEANING CONSTRUCTION

Margareth Andrade Morais¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir o uso textual discursivo de anáforas encapsuladoras, à luz de aspectos sociodiscursivos e sociointeracionais, ampliando, assim, a compreensão do papel desse elemento. Traçamos um panorama teórico dos estudos de referenciação, considerado como um processo sociocognitivo de construção de sentidos, seguindo os estudos atuais de Linguística de Texto, conforme já apontaram Mondada e Dubois (2003), Cavalcante (2011), Santos e Cavalcante (2014), entre outros autores. O presente trabalho, portanto, tem como foco o caráter textual-discursivo do encapsulador. Serão analisadas notícias esportivas mostrando como tal fenômeno atua na construção do texto, marcando pontos de vista e construindo sentidos, para além da classificação tradicional desse processo de referenciação.

Palavras-chave: encapsuladores; construção de sentidos; Linguística de Texto.

ABSTRACT

The objective of this article is to discuss the discursive textual use of encapsulating anaphoras in the light of sociodiscursive and sociointerational aspects, thus broadening the understanding of the role of this element. We present a theoretical panorama of the reference studies, considered as a sociocognitive process of sense construction, following the current studies of Text Linguistics, as already pointed out by Mondada and Dubois (2003), Cavalcante (2011), Santos e Cavalcante (2014), among other authors.

¹ Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – campus Rio de Janeiro

The present work, therefore, focuses on the textual-discursive character of the encapsulator. Sports news will be analyzed, showing how the anaphora encapsulation act in the construction of the text, marking points of view and constructing meanings, beyond the traditional classification of this process.

Keywords: anaphora encapsulation; meaning construction; Text Linguistics

Introdução

O encapsulamento é um processo referencial que merece destaque, pois se apresenta como uma escolha com a capacidade de sumarizar informações presentes no cotexto e, ao mesmo tempo, transformá-las em novo objeto de discurso. Esse processo de referenciação foi definido como “um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como síntese de uma porção do cotexto que pode possuir extensão variada” (cf. CONTE, 2003, p. 178), como no exemplo “Irado com a multidão que protestava contra ele, a apenas sete semanas da eleição geral, o presidente romeno Ion Iliescu saltou furioso de sua limusine e agrediu um jornalista da oposição. O incrível episódio (...)” (CONTE, 2003, p. 186). A autora explica que o sintagma sublinhado sumariza a porção contextual anterior.

Com o avanço da Linguística de Texto, os estudos sobre referenciação, cada vez mais, entendem que os encapsulamentos atuam na construção dos referentes, organizando e sumarizando opiniões, como apontam Conte (2003), Cavalcante (2011), Borreguero (2006), entre outros. Além disso, esses autores também destacam como tal recurso pode contribuir para a orientação argumentativa dos textos, tendo em vista uma argumentatividade inerente a todos os textos.

Desse modo, o presente trabalho pretende discutir essa característica dos encapsuladores em textos que não tenham, a princípio, um viés argumentativo, isto é, textos que não pertençam à tipologia argumentativa, como as notícias esportivas, cuja tipologia predominante é a narrativa. Tal escolha se justifica a fim de demonstrar que o fenômeno analisado pode constituir um índice de argumentatividade, entendida em um sentido mais amplo. Assim, os encapsuladores constituem elementos que auxiliam na condução da leitura dos textos, revelando, para o leitor, a intencionalidade do enunciador ao empregar determinados nomes para manutenção/retomada dos referentes dentro dos textos.

O objetivo deste artigo, portanto, é colaborar para o debate sobre o fenômeno do encapsulamento, trazendo à tona aspectos sociointeracionais e sociodiscursivos. Serão discutidos exemplos presentes em notícias esportivas referentes a jogos da Copa do Mundo de 2014, publicadas nos jornais *O Globo* e *Lance!*, e, para a análise dos dados, será utilizada a proposta de Morais (2017). Pretende-se mostrar como os encapsuladores atuam na construção do texto, marcando posicionamentos ideológicos e construindo sentidos que vão além da classificação tradicional.

Os encapsuladores em foco

Além de apresentar um importante papel coesivo e organizar os tópicos dentro do discurso, os encapsulamentos podem, a partir de informações já mencionadas no texto, implementar um objeto quase novo no discurso, remetendo a informações não explicitadas no cotexto, como pressupostos, subentendidos e outros conteúdos presentes na memória discursiva dos participantes da interação. Desse modo, uma de suas principais propriedades reside no fato de que seu referente não é claramente delimitado no texto. Esse referente deve ser reconstruído pelo interlocutor, ou seja, a anáfora encapsuladora não retoma, pontualmente, nenhum objeto de discurso, e sim se vincula a informações contidas em porções de texto presentes no cotexto.

Segundo Koch (2009, p. 68), as expressões nominais encapsuladoras podem nominalizar fatos, atividades, estados, eventos, e geralmente vêm acompanhadas de modificadores e/ou determinantes, das seguintes formas: a) Determinante + Nome; b) Determinante + Modificador(es) + Nome + Modificador(es) – sendo determinantes o artigo definido ou o pronome demonstrativo, e modificadores, o adjetivo, o substantivo predicativo ou a oração relativa. No trecho abaixo, há um exemplo, retirado de um editorial, em que o sintagma nominal “a receita” sintetiza a porção do texto anteriormente expressa:

(0) O ministro Vêlez prometeu combater a ‘doutrinação’, mas quer despejar propaganda oficial nas salas de aula. A receita já foi usada no regime militar e no Estado Novo (Fonte: <https://blogs.oglobo.globo.com/bernardo-mello-franco/post/circular-do-ministro-da-educacao-etipica-de-ditaduras.html>. Acesso em 13/03/2019)

Com essa estratégia, o enunciador promove um movimento duplo, para trás e para frente, resumindo a porção anterior e iniciando um novo tópico no discurso. O sintagma sublinhado “empacota” as informações precedentes, rotulando-as, pois, ao usar o nome “receita”, o autor indica que a promessa do ministro não se trata de uma nova ideia, mas de prescrições já conhecidas. Assim, além do papel na progressão textual, há ainda um julgamento embutido na escolha desse nome.

Por sua capacidade de retomar um referente não expresso, mas difundido no contexto, expresso de modo esparso, pode apresentar um alto teor argumentativo. Isso ocorre porque, no ato da nomeação, podem ser empregados rótulos com grande carga avaliativa. Dessa forma, a anáfora encapsuladora pode exercer uma função argumentativa decisiva para uma tomada de ponto de vista do texto, estabelecendo uma nova cadeia referencial a partir desse momento.

Pecorari (2014, p. 22) chama atenção para a propriedade dos encapsuladores de carregar valores pressupostos que podem tanto trazer para os textos julgamentos como também podem corroborar para enfatizar valores sociais da esfera do senso comum. Segundo o autor, que analisou notícias de jornais italianos, os encapsuladores podem cumprir o papel, dentro da linguagem do jornal, de compartilhar ideias que fazem parte do senso comum de determinada comunidade. Pecorari defende que o encapsulador tem um efeito persuasivo sobre o leitor que, por estar em uma posição cooperativa, acaba sendo levado a aceitar o caminho argumentativo proposto pelo encapsulador. Por outro lado, o autor também aponta que alguns encapsulamentos, mesmo aqueles com nomes avaliativos, nem sempre carregam valores persuasivos, podendo confirmar avaliações e julgamentos compartilhados e aceitos entre os interlocutores e, muitas vezes, as notícias se valem desse recurso para veicular uma aparente neutralidade.

O levantamento dessas características e propriedades demonstra que as anáforas encapsuladoras se comportam de maneira híbrida. Segundo Borreguero (2006), as anáforas encapsuladoras apresentam um correferente no texto, não apresentando um novo referente no discurso. Para a autora, as anáforas encapsuladoras são anáforas diretas, pois, ainda que não se possa indicar um único item como antecedente, é possível recuperá-lo dentro do texto. De acordo com a autora, os encapsuladores não fazem referência a um único elemento linguístico, mas a uma parte do texto que pode conter uma oração ou até mesmo um parágrafo.

Conte (2003) já afirmava que as anáforas encapsuladoras misturam características das anáforas diretas e das indiretas. Santos e Cavalcante (2014) também afirmam que tais anáforas parecem comportar-se como um item intermediário entre anáforas diretas e indiretas, uma vez que, ainda que se apoiem em informações dadas, podem introduzir um novo referente. No que se refere à relação de correferencialidade, entretanto, é possível notar um grau de correferencialidade entre a parte do texto sintetizada e o encapsulador, o que o aproximaria de uma anáfora direta. Nesse sentido, para Borreguero (2006), prevalecerá a questão da correferencialidade e o encapsulador será definido como uma anáfora direta. Para a autora, há uma relação anafórica entre o sintagma e os elementos textuais antecedentes, que contribuem para homologar a significação dos objetos de discurso, como se fosse uma continuidade de um discurso já existente.

Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) também compartilham dessa abordagem sobre os encapsuladores. Os autores argumentam que o referente fica representado na mente dos interlocutores e isso é um indício de que ele pode ser tratado como um subtipo de anáfora correferencial, ainda que

seja um pouco fora do padrão de uma anáfora direta. Tais autores (2014, p. 80) ainda defendem que, se entendemos o referente como uma entidade representada sociocognitivamente e abstraída do contexto de enunciação, é plausível admitir que, ao ser nomeado, o referente já existia, nas palavras dos autores:

(...) mesmo sem ser citado antes da expressão encapsuladora, o referente fica representado na mente dos interlocutores, e é esta a razão pela qual preferimos tratá-lo como um subtipo de anáfora correferencial, ainda que diferente ou fora dos padrões.

Para eles, a questão da retomada a um referente já introduzido no discurso e presente na mente dos interlocutores leva à correferencialidade, que se sobrepõe às demais características do encapsulador, sendo o fator preponderante para a classificação desse elemento.

Essas nuances no comportamento do encapsulador levam a corroborar o que apontam Santos e Cavalcante (2014) para quem as anáforas encapsuladoras devem ser entendidas em um *continuum* entre as anáforas diretas e as indiretas. Desse modo, como alguns encapsuladores apresentam correferencialidade de maneira mais clara, ao passo que outros demonstram um comportamento mais prototípico de uma anáfora indireta, assume-se, nesse trabalho, que não se está diante de fenômenos isolados, mas que se cruzam e se misturam, tendo em vista uma perspectiva sociocognitiva e interacional. Portanto, entende-se aqui que os encapsuladores, em relação à correferencialidade, situam-se em uma zona intermediária.

Os encapsuladores nas notícias esportivas

O objetivo das notícias esportivas é sintetizar jogos de futebol, cujo resultado geralmente já é conhecido pelo leitor, que busca mais informações e um toque de curiosidade sobre o jogo em questão. Atualmente, as notícias esportivas não ficam restritas à publicação de resultados dos jogos e campeonatos, ampliando a possibilidade de cobertura para temas como a política dos clubes, situação financeira, entre outros. Em relação à linguagem, Barbeiro e Rangel (2006) destacam que o texto esportivo, de modo geral, detém maior liberdade no tratamento da matéria. Segundo os autores, na editoria de esportes, são perceptíveis humor e leveza, e o vocabulário, muitas vezes, consagra expressões populares, sendo mais criativo.

A seguir, estão destacados alguns dos exemplos mais recorrentes de encapsulamentos nas notícias esportivas referentes aos jogos da Copa do Mundo de 2014 (cf. MORAIS, 2017).

Os primeiros exemplos a serem discutidos são aqueles que apresentam, mais explicitamente,

um papel de organizador e de articulação entre as partes do texto, como o exemplo abaixo, retirado do jornal *O Globo*, que narra a partida entre Uruguai e Inglaterra:

(1) Suárez 100 %

Atacante do Liverpool estreia no Mundial e marca os dois gols da vitória do Uruguai sobre a Inglaterra. Resultado mantém uruguaios com chances de classificação e complica vida dos Ingleses.

Todos tinham a mesma opinião. Era uma partida à feição do Uruguai. Encarada como final, com a corda no pescoço, do jeito que a Celeste está acostumada. Ser favorita não faz parte da história da bicampeã mundial. Fazer o quase impossível, sim. E eles ainda contavam com um convidado novo, que quase abandonou a festa por uma cirurgia de última hora. Na verdade, tornou-se o anfitrião. O maior artilheiro da seleção uruguaia mostrou que jamais será coadjuvante de um time que depende muito dele. Luis Suárez estreou no Mundial ontem, marcou os dois gols da vitória por 2 a 1 sobre a Inglaterra, no Itaquerão, e manteve as chances de classificação para as oitavas de final. *O resultado*, porém, não significa o adeus da outra campeã do mundo, a Inglaterra. Tudo dependerá do jogo de hoje entre Itália e Costa Rica, no Recife. Um empate elimina os ingleses. Assim como uma vitória costarriquenha. *Isso* porque, com *esse resultado*, os ingleses não conseguirão alcançar a pontuação de pelo menos dois rivais do Grupo D. (...)

(FURTADO, Tatiana; KNOPOCH, Carol & D'ERCOLE, Ronaldo. *Suárez 100%*. Jornal *Globo*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 2014, p. 7).

O encapsulador “o resultado” faz a articulação entre os parágrafos anteriores do texto e aponta para o novo tema que surge na progressão do texto, funcionando como um tópico discursivo (cf. JUBRAN, 1992). O pronome “isso” retoma e sintetiza a explicação sobre a possibilidade de classificação das equipes citadas. Já a expressão “esse resultado” retoma a situação que envolve a possibilidade de vitória costarriquenha, o que desclassificaria a equipe inglesa. Chama atenção ainda o uso do pronome demonstrativo “esse” que situa o leitor dentro do texto para que ele recupere o referente dessa expressão de modo eficiente, mostrando que a troca da classe gramatical do determinante nos sintagmas nominais cumpre um propósito dentro do texto.

No exemplo abaixo (2), também se verifica o uso do pronome demonstrativo como encapsulador:

(2) A Argentina venceu a Holanda porque foi muito mais competente nos pênaltis, após 0 a 0 no tempo normal e na prorrogação, mas não foi só *isso*. Os Hermanos fizeram muito do que o time de Luiz Felipe Scolari, que deveria jogar no Maracanã domingo, não o fez na terça no Mineirão.

(PORTO, Marcio. *Corrida para o tri*. Jornal *Lance!* Rio de Janeiro, 10 de julho, p. 10).

Para desfazer a imagem de um jogo sem emoções – conteúdo pressuposto por ter sido um jogo sem gols –, em que os lances principais só saíram na prorrogação, há a relação discursivo-argumentativa de oposição marcada pela oração “mas não foi só isso”, que procura descartar essa possível leitura. O uso do advérbio “só” com o pronome “isso” reforça a tese de que o jogo foi interessante. Isto é, ainda que os gols tenham acontecido somente na disputa de pênaltis, não quer dizer que o jogo tenha sido sem emoção.

É importante destacar também que o pronome “isso” não só sintetiza a porção anterior do texto como também cria uma expectativa para algo que ainda vai ser dito, ou seja, também aponta “para frente” no texto. Ao dizer que “não foi só isso”, o jornalista gera no leitor uma curiosidade sobre o que se seguiu na partida, por isso pode-se dizer que essa expressão e realiza um duplo movimento no texto, de continuidade e progressão, retomando porções já ditas e antecipando que mais informações serão ditas. Tal característica é pouco discutida nos estudos sobre encapsulamento – principalmente quando o encapsulador é o pronome “isso”. Muitas vezes, destaca-se o papel de organizador desse processo de referência tendo em vista somente a sua propriedade de retomar partes já ditas.

Dentro dos exemplos que contribuem para a organização textual, o encapsulamento prospectivo sublinhado abaixo inicia um novo tópico no discurso e reitera a orientação argumentativa do texto que trata da superação do time holandês:

(3) Laranja amarga

Holanda humilha a campeã Espanha com goleada histórica na estreia, se vinga de 2010 e ouve torcida gritar olé na Bahia

São necessários 45 minutos para a troca de lados em uma partida. Mas o intervalo esperado pela Holanda para virar o jogo durou quatro anos. No ciclo entre as Copas, os holandeses não suportaram o papel de coadjuvantes, enquanto a protagonista Espanha brilhava como a estrela campeã em sua camisa *roja*. Até ontem. Assim como a maioria dos credos, crenças e culinárias vieram da África, as equipes trouxeram daquele continente para a Bahia a rivalidade e o latente desejo de vingança da Holanda, que impôs à Espanha uma furiosa goleada de 5 a 1. Jamais um campeão havia estreado na Copa seguinte levando cinco gols.

A inversão de papéis começou antes de a bola rolar. Ao contrário da final de 2010, era a Holanda a usar azul. Ao cair na área aos 25 minutos, o brasileiro naturalizado espanhol Diego Costa já percebera a dificuldade para se livrar dos zagueiros e das vaias. Xabi Alonso bateu o pênalti e fez o único gol da Espanha, um suspiro antes do afogamento total. (AMATO, Gian. *Laranja amarga*. Jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, 14 de junho de 2014, p. 8)

Tendo em vista o parágrafo anterior da notícia, esse parágrafo, com o encapsulador “a inversão de papéis”, retoma o conteúdo anterior e a relação estabelecida pelas anáforas diretas “papel de coadjuvante” e “protagonista Espanha”, além de marcações dêiticas de tempo presentes no parágrafo anterior, que estabelecem um “antes e depois” no discurso, coincidindo com o tópico instaurado pelo encapsulador “a inversão de papéis”.

Assim, além de resumir o conteúdo anterior, esse encapsulamento inicia um novo tópico discursivo: a vitória da Holanda sobre a Espanha. De acordo com Burdiles e Parodi (2016), os encapsuladores prospectivos e retrospectivos relacionam-se à organização e hierarquização das informações dentro do texto, o que comprova o papel fundamental desses elementos na compreensão de textos, que podem tanto retomar informações já mencionadas como antecipar novos conteúdos.

Koch e Elias (2016, p. 95) afirmam que os encapsuladores podem funcionar como um importante recurso para “marcar o parágrafo do ponto de vista cognitivo”. É exatamente o que acontece nesse exemplo, pois as informações textuais precedentes conduzem a uma imagem mental dos objetos de discurso Holanda e Espanha que será oposta no próximo parágrafo. Essa “virada” dos objetos de discurso é marcada pelo encapsulador “a inversão de papéis”, indicando o assunto a ser desenvolvido, definindo cognitivamente essa unidade construtiva do texto.

Em (4), o encapsulador foi utilizado como um recurso que antecipa lances da partida:

(4) Dispostos a se defender até o fim, os americanos levaram sorte no chute de Hazard, aos 42, que acertou a rede pelo lado de fora. *A melhor chance do jogo*, no entanto, veio já nos acréscimos, quando Wondolowski recebeu livre na área, mas concluiu por cima do gol de Courtois, sob olhar incrédulo do ex-artilheiro Klinsmann. (BENJAMIM, Felipe. *Bélgica bate Estados Unidos*. *Jornal Globo*. Rio de Janeiro, 2 de julho, caderno de esportes)

O encapsulamento “melhor chance do jogo” descreve o que, para o jornalista, representou o lance mais interessante da etapa normal de jogo: a jogada norte-americana. Em seguida, o operador argumentativo disjuntivo “no entanto”, traz para o texto uma orientação argumentativa de que, apesar da superioridade belga ao longo da partida, a melhor jogada foi norte-americana. Tal conteúdo também é reforçado pelo vocábulo “melhor”. Para Conte (2003, p. 186) a anáfora encapsuladora “funciona simultaneamente como um recurso coesivo e como um princípio organizador, e pode ser um poderoso meio de manipulação do leitor”, pois o fato de o produtor do texto rotular um conteúdo contribui para sua força argumentativa, como acontece no exemplo destacado.

De modo semelhante ao anterior, o próximo exemplo também apresenta um encapsulamento que rotula e avalia um determinado lance do jogo, que o jornalista julga ter sido “o mais dramático”:

(5) Aos 38, o lance mais dramático da primeira etapa: Mostefa aparou um rebote de fora da área, a bola desviou em Boateng e, com Neuer completamente batido, passou à direita do gol. Na seqüência, Schweinsteiger chutou de fora da área, o goleiro M’Bolhi bateu roupa e em seguida defendeu a pancada à queima-roupa de Götze. (ILHA, Fávio. *Batalha no sul*. *Jornal Globo*. Rio de Janeiro, 1 de julho de 2014, p. 7)

Esse encapsulamento promove um efeito de suspense em relação a um lance quase no final do primeiro tempo de jogo: “o lance mais dramático da primeira etapa”. Tal recurso apresenta e qualifica todo o conteúdo do parágrafo que encabeça, pois o que se segue no restante do parágrafo é a descrição detalhada do que seria a jogada mais importante do primeiro tempo da partida.

Convém destacar a noção de tópico discursivo e como tal noção está diretamente ligada à referência. Dentre todos os processos, o encapsulamento exerce um papel importante de continuidade ou de progressão tópica. Como observou Pinheiro (2003), os encapsuladores, além dos papéis citados, podem realçar um dado conteúdo, reforçando ou esclarecendo o ponto de vista do enunciador.

Em (6), também se observou o uso do encapsulador prospectivo na notícia que trata do jogo entre México e Brasil:

(6) Com Oscar bem abaixo da estreia e Neymar muito bem marcado, a equipe brasileira teve dificuldades para furar o forte bloqueio mexicano. No primeiro tempo, *as melhores chances do Brasil* foram numa cabeçada de Neymar aos 25 e numa conclusão de Paulinho, após lindo passe de Thiago Silva com o peito, já nos acréscimos. Em ambas Ochoa brilhou. (FONSECA, Maurício. *México segura o Brasil*. *Jornal O Globo*. 18 de junho, p.3).

O sintagma “as melhores chances do Brasil”, que aponta para frente no texto, refere-se à cabeçada de Neymar e à finalização de Paulinho. Esse encapsulamento, além de resumir os principais lances da primeira etapa de jogo, evidencia o julgamento desses lances por meio do adjetivo “melhores”. A escolha desse termo permite ao jornalista caracterizar as ações dos jogadores, pois carrega um juízo de valor. Dentro do contexto da notícia, “melhores” apresenta um valor depreciativo, pois as jogadas foram fracas e, mesmo assim, constituíram os melhores lances da equipe brasileira. Essa operação prova que existiu uma interpretação por parte do jornalista, que acaba por guiar as inferências realizadas pelo leitor.

Em (7), o nome “voo” encapsula a jogada holandesa protagonizada pelo jogador Holandês Van Persie:

(7) *O voo* de Van Persie sobre a área iniciou a decolagem da Holanda. Após receber passe certo de Blind, o camisa 9 praticamente ficou no ar, com o corpo na horizontal, antes de cabecear e encobrir Casillas, aos 44 minutos.

Outro jogo, outra Holanda no segundo tempo. De pé em pé, a bola chegou a Robben depois de outro lançamento de Blind, o lateral-esquerdo legítimo descendente da Laranja Mecânica, porque é filho do ex-zagueiro Danny Blind. Robben dominou, driblou Piqué, que ficou meio dançando a famosa “Waka waka” de sua mulher, Shakira, e fuzilou para o gol de Casillas, aos 7.

Mesmo sem ser uma pintura, o terceiro gol já anunciava a goleada que seria o conjunto da obra. Os espanhóis reclamaram de falta de Van Persie em Casillas, mas o fato é que a bola sobrou para o zagueiro De Vrij marcar, aos 20, o terceiro da Laranja azul.(...)

(AMATO, Gian. *Laranja amarga*. Jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, 14 de junho de 2014, p. 8)

O substantivo “voo” – uma metáfora comum no futebol que designa uma jogada aérea – funciona como encapsulador prospectivo que antecipa o lance do gol de cabeça do jogador holandês. Tal encapsulamento contribui ainda para outras relações no texto, servindo de âncora para a anáfora indireta “decolagem holandesa”, que marca o início da goleada holandesa, já que, após o gol do jogador Van Persie, a Holanda passou a dominar a Espanha. Essas amarras anafóricas reforçam a orientação argumentativa da notícia ao enfatizar a superioridade holandesa.

Os últimos exemplos tratam de encapsulamentos também metafóricos que rotulam o jogo inteiro. O primeiro, retirado da notícia do jornal *Lance!* sobre a partida entre Argélia e Alemanha:

(8) Foi absolutamente dramático. As Raposas do Deserto resistiram como puderam. Mas *essa guerra* a Alemanha ganhou, por 2 a 1, mesmo que a sua *divisão panzer* – Özil, Schweinsteiger e Müller – ainda não tenha repetido a blitzkrieg da estreia sobre Portugal. (ASSAF, Roberto. *Não foi fácil*. Jornal *Lance!* Rio de Janeiro, 1 de julho de 2014, p. 20)

O encapsulador prospectivo “guerra” carrega uma forte carga axiológica, caracterizando todo o jogo, e serve de âncora para as relações que vão se estabelecer dentro do texto, evidenciadas por meio de outras palavras, que revelam este projeto de dizer: o jogo como uma guerra. No mesmo parágrafo, há o emprego de outro encapsulamento “divisão panzer”, que compara o uso da artilharia pesada do exército alemão, com tanques e veículos blindados, aos jogadores que compõem o ataque da seleção alemã. A “divisão panzer” era responsável pelo sucesso do exército alemão, assim como esse trio de

jogadores também compõe a principal estratégia para vitória.

O próximo exemplo apresenta um caso diferente de encapsulamento. O título “Chucrute na Bahia”, por meio da anáfora encapsuladora “chucrute” engaja o leitor no texto já com a perspectiva do sucesso alemão, já que, na Bahia, prevaleceu “o prato típico alemão”. Nesse sentido, as informações presentes no subtítulo, bem como a própria introdução do referente “Alemanha”, contribuem para que o coenunciador perfaça a trilha de sentido que leva à vitória alemã, juntamente com o acervo cultural compartilhado entre os interlocutores.

(9) *Chucrute* na Bahia

Sempre favorita ao título, Alemanha não toma conhecimento de Portugal e marca quatro gols logo em sua estreia. E ainda tem o artilheiro do Mundial até agora: Thomas Müller, autor de três ontem.

(AMATO, Gian. *Chucrute na Bahia*. *Jornal Globo*. Rio de Janeiro, 17 de junho de 2014, p. 7)

No entanto, cabe destacar que o nome “chucrute”, ao contrário dos demais analisados anteriormente, não é um nome abstrato, contrariando os exemplos mais discutidos de encapsulamento. Tais exemplos, em geral, são compostos por nomes de significação mais ampla e que, por essa característica, estariam mais propensos a serem usados como encapsuladores. Conte (2003), por exemplo, afirma que os encapsulamentos são formados por nomes mais gerais ou nomes com carga avaliativa. No caso acima, pelo contrário, trata-se de um nome concreto que passa a abstrato, já que rotula, metaforicamente, a vitória alemã sobre Portugal. Não há, no desenvolvimento da notícia, nenhuma menção à culinária alemã, ou seja, não há uma âncora ou pista a que pudéssemos associar o nome “chucrute”, o que comprova que esse vocábulo é tomado, nesse texto, de modo abstrato.

Além disso, pensando no prato “chucrute”, um repolho bem picadinho, por vezes considerado indigesto no Brasil, poderíamos associar esse nome ao próprio resultado do jogo, que, para além da vitória da Alemanha, consistiu em uma goleada sobre Portugal, o que poderia sugerir ainda que esse título aponta para a expressividade da vitória alemã. Nos campeonatos nacionais, por exemplo, é comum os locutores e jornalistas esportivos empregarem o termo “chocolate” para se referirem a vitórias expressivas constituídas por placares amplos.

Esse substantivo encapsula informações que só podem ser processadas pelo leitor por meio de estruturas cognitivas. Assim, “Chucrute na Bahia”, pode ser considerado não como uma menção ao prato, mas como uma metáfora para a vitória alemã na Bahia, local onde ocorreu a partida.

No próximo excerto, há um caso que se assemelha ao descrito anteriormente:

(10) O curioso é que a Espanha saiu na frente, gol de pênalti – de De Vrij em Diego Costa – aos 26 minutos, teve maior domínio e desperdiçou *uma excelente oportunidade* aos 42, por capricho de David Silva, que tentou encobrir Cillessen. Não seria exagero dizer que essa foi o que se chama de *bola do jogo*, pois se entra talvez mudasse o rumo do duelo. Ah... e só tomou o empate aos 44, num peixinho de Van Persie. (ASSAF, Roberto. *Um dia sem fúria*. Jornal Lance! Rio de Janeiro, 14 de julho de 2014, p 14).

A ação descrita pela frase “desperdiçou uma excelente oportunidade” mostra uma crítica contida no verbo desperdiçar, que aponta uma falha do jogador, reforçada pelo encapsulamento prospectivo “uma excelente oportunidade aos 42”, em que o adjetivo “excelente” enfatiza essa crítica. Soma-se a essa interpretação a própria descrição do lance em que é dito que o atacante David Silva “por capricho” tentou encobrir o goleiro, o que indica que o jogador tentou uma jogada com menor probabilidade de acerto, porém esteticamente mais bonita, ou na linguagem do futebol, mais plástica.

O encapsulamento “bola do jogo” resume não só a oportunidade perdida, mas todo o contexto que cerca a partida, mostrando como poderia ter mudado o placar e garantido a vitória holandesa. Esse exemplo também se assemelha ao anterior, já que o substantivo concreto “bola” ganha um valor metafórico, deixando de se referir apenas à bola para mostrar uma jogada crucial para o desenrolar da partida e que poderia definir a participação da Holanda na final da Copa do Mundo.

Os dois últimos exemplos mostram como um substantivo concreto perde a sua concretude dentro do texto, de modo oposto ao que se espera de um elemento encapsulador, já que, quanto mais abstrato, maior a capacidade de abarcar porções maiores do contexto. No entanto, como se defende nesse artigo, todas essas relações são homologadas no e pelo texto, o que comprova a importância de uma análise ampla do fenômeno, que considere aspectos sociodiscursivos e interacionais.

Considerações Finais

Percebeu-se, nos exemplos analisados por Morais (2017), que os encapsuladores, se analisados em uma perspectiva sociocognitiva e interacional, observando suas especificidades em um gênero textual como a notícia esportiva, comportam-se de maneira bastante peculiar. Retomando Santos e Cavalcante (2014, p. 243), destaca-se que, em uma concepção de texto como processo, “precisamos analisar os exemplos observando esse processo sociocognitivo e interacional, complexo e abrangente”.

As anáforas encapsuladoras mostraram-se uma estratégia fundamental para a condução da orientação argumentativa das notícias esportivas, evidenciando críticas e avaliações sobre jogadores e seleções, por

exemplo, ou até mesmo foram utilizadas para construir um efeito de neutralidade nos textos.

Demonstrou-se, portanto, o que relembram Cabral e Santos (2016), ao afirmarem que o sujeito, tendo a língua como base, insere-se no enunciado e constrói com ele objetos de discurso que instauram seus pontos de vista a respeito da realidade criada no interior do discurso. Nesse sentido, o encapsulamento – bem como os demais processos de referenciação – precisa ser analisado levando em consideração, além da situação enunciativa imediata, as relações estabelecidas na interação. Essa análise envolve, além dos interlocutores, o gênero textual, aspectos contextuais e sociointeracionais e as intencionalidades articuladas à construção argumentativa do texto.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, H.; RANGEL, P. *Manual do jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2006.

BORREGUERO, M.Z. Naturaleza y función de los encapsuladores en los textos informativamente densos (la noticia periodística). In: *Cadernos de Filologia Italiana*, v.13, p.73-95, 2006.

CABRAL, A. L T; SANTOS, L W. Dêixis pessoal e verbos na construção de um objeto de discurso argumentativamente orientado. *Revista Conexão Letras*, v. 11, n. 15, 2016, p.25-37.

CAVALCANTE, M.M. *Referenciação: sobre coisas ditas e não-ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

_____; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M.A.P. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.

CONTE, M. Encapsulamento Anafórico. In.: CAVALCANTE, M. *et. al.* (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190.

KOCH, I. G. V. *Introdução à Linguística Textual*. 2.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____; ELIAS. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.

JUBRAN, C. A. S. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. In:

CASTILHO, A. T. (org.). *Gramática do português falado*, v. III. Campinas: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 1992.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem

dos processos de referência. In: CIULLA, A. *et alii*. *Referênciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52

MORAIS, M.M. *Referênciação em campo: a construção de sentidos nas notícias esportivas*. 2017. 181f. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PARODI, G; BURDILES, G. Encapsulación y tipos de coherencia referencial y relacional: el pronombre ello como mecanismo encapsulador en el discurso escrito de la economía. *Onomázein*, n. 33, p. 107-129, 2016.

PECORARI, F. Anaphoric encapsulation and presupposition: persuasive and stereotypical uses of a cohesive strategy. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 24, n. 49, 2014, p.175-195.

PINHEIRO, C. L. *Integração de fatos formulativos e interacionais na construção do texto: um estudo a partir da topicalidade*. 216 f. Tese (Doutorado). São Paulo. UNESP-Assis, 2003.

SANTOS, L.W.; CAVALCANTE, M. M. Referênciação: *continuum* anáfora-dêixis. *Intersecções*, Jundiaí, v. 12, n. 1, p. 224-246, maio/2014.